

obra é composta por três volumes; os dois primeiros são dedicados à Física; o terceiro, à química.

10 — Alberto de Aguiar, *Notícia Histórica da Química Portuguesa*, Empresa Ind. Grafica, Porto, 1925.

11 — A.J. Ferreira da Silva, *Breve Notícia sobre o Ensino da Química na Academia Polytechnica do Porto*, Porto, 1893.

12 — Joaquim dos Santos e Silva, *Berichte*, Tom. VI (1873), pg. 1092; *Instituto*, 2.^a Série, Tom. XVIII (1873), pg. 220.

13 — Joaquim dos Santos e Silva, *Instituto*, 2.^o Série, Tom. XIX (1874), pp. 209 e 246.

14 — Joaquim dos Santos e Silva, *Elementos de Analyse Chimica Qualitativa*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1874, Prefácio.

15 — A.J. Ferreira da Silva, *Rev. Chim. Pur. Appl.*, vol. II (1906), pg. 119.

16 — A.J. Ferreira da Silva, *Rev. Chim. Pur. Appl.*, vol. VIII (1912), pg. 261.

Correspondência *

Os professores do Ensino Secundário não escrevem para o Boletim da Sociedade Portuguesa de Química

No editorial do Boletim n.º 23 (Série II)/Março 86, é mencionado que a participação dos professores do Ensino Secundário ainda não atingiu níveis desejáveis.

Efectivamente, assim tem acontecido, não porque não haja motivos, assuntos, informações ou actividades de teor pedagógico-didáctico dignos de melhor nota.

Há, efectivamente, um mundo imenso de esforços, experiências novas, planificações inovadoras, nos diversos níveis e áreas do Ensino Secundário. Há o dia a dia da prática pedagógica onde se vai, aqui e ali, “aprendendo a aprender” Química, para se gostar de ensinar Química.

Mas tudo isto se dilui e o processo ensino-aprendizagem da Química, no nosso País, continua vivendo apático ou, de onde em onde, eufórico, consoante aparece ou não “o agitador” que remove montanhas, incute o gosto pela Química aos alunos, realiza trabalhos e exposições — “O Mundo e as energias”, “O átomo e a vida”, “A fazer também se aprende”, etc., etc.

Os alunos gostam da Química, o “agitador” sai e o ritmo morno regressa!

O Estatuto da Carreira Docente para quando?

E depois..., uma escola a rebentar pelas costuras a cem quilómetros da residência, idas e vindas em permanente correria, as boleias conjuntas, o dinheiro contado dia a dia, a estabilidade familiar em desalinho, o filho que mal vê a

mãe ou o pai, as reuniões de grupo, o Conselho Pedagógico, o inventário do Laboratório, o Conselho de Turma, o ofício que chega, os inquéritos (e agora são tantos...), as competições internas, os ditos, os compadrios nos horários, os concursos... “as estruturas burocratizadas que burocratizam ainda mais as estruturas cada vez mais burocratizadas das aulas burocraticamente dadas”.

E assim..., como é possível inovar na instabilidade, criar na burocracia, recriar, estruturar, escrever artigos?

E lá vem o absentismo, o insucesso escolar, o ruído tagarela dos jovens “transpirando” Química, Física e Matemática nas próprias aulas ou ao longo dos corredores apinhados.

E a inserção no meio? Perde-se definitivamente de vista o aluno, famílias, comunidades.

Sabem que mais, Químicos deste País? A culpa do professor do Ensino Secundário não participar na revista, não é de ninguém! É do Sistema. Logo, ninguém tem culpa, só o Sistema.

Querem ver!... No boletim que fez desencadear as minhas “musas” são apresentados diversos estudos, tais como: “a linguagem em Química — o estudo de um caso” e “Identificação de versões privadas de conceitos de Química no Ensino Secundário” e, este ano, só eu, já respondi a mais de meia dúzia de inquéritos que vão dar origem a outros tantos estudos nas diversas Universidades e departamentos do Ministério.

Será que esses inquéritos/investigação servem apenas para testemunhar um mestrado, um doutoramento ou uma nota de estágio? Quem retira conclusões? Quem tem a coragem de “ir ao fundo”

do processo investigação/acção em Ciências da Educação?

É por não haver resposta para tantas perguntas que o professor do Ensino Secundário escreve pouco para o boletim!

Escrevia o meu amigo António Ferra, também professor do Ensino Secundário e colaborador assíduo do Jornal da Educação: “Muito do resto, são gabinetes, grupos de trabalho, estudos, projectos, técnicos, administradores..., um mundo hierárquico, um submundo, um acumular de serviços, de divisões, de conjecturas sobre a educação, sobre o Sistema de Ensino, sobre o ensino, sobre os programas, sobre as aulas, sobre as áreas, sobre os currículos, sobre as estatísticas, sobre os orçamentos, sobre as dotações, sobre a computorização, sobre o perfil, sobre os objectivos, sobre a família e sobre a alimentação..., a macrocefalia, as intenções, a alegria e a tristeza, a formação, as acções respectivas, o Conselho da Europa, a UNESCO, as inúmeras (e úteis?) publicações que ninguém lê”..., os mestrados, as investigações, papéis a rodo, o País dos papéis e aos papéis.

Que sei eu?!

O Sistema é um elefante poderoso — não é pessoa. Não sendo pessoa, muito memos pode englobar pessoas.

É assim uma coisa parecida com o ensino da Química... o culpado é o Sistema e os valores mais baixos das incógnitas do Sistema.

António Inácio
Professor do Ensino Secundário

* Uma secção com cartas dos leitores poderia ser elemento importante da comunicação de que o Boletim pretende ser o veículo. Temas e situações não faltam para alimentar tal secção. Faltará a iniciativa das pessoas? Esperamos sinceramente que não.